

os tivesse, hipotecar ou vender a propriedade fundiária. Apesar de o *oikos* ancestral fazer parte da estrutura social e psicológica do mundo grego, muitos camponeses se viram diante de uma tal situação (p. 121-142).

2) A relação estabelecida entre a família camponesa e suas diferentes partes integrantes.

O autor analisa duas relações básicas presentes no interior do mundo grego denominadas de reciprocidade e obrigação. Estas relações se inserem num quadro de trocas entre indivíduos. O primeiro nível destas trocas é o parentesco. O parente constitui a primeira linha de defesa do indivíduo durante um quadro de crise alimentar. As relações de parentesco geraram no interior do mundo a obrigação moral de um parente ajudar o outro parente, já que as famílias estavam conectadas pelo parentesco até a sua extinção. O segundo nível analisado pelo autor será a relação estabelecida entre um indivíduo e os seus amigos e vizinhos. Gallant observa que o principal critério para escolha do amigo e do bom vizinho era a capacidade destes dois últimos em ajudar o primeiro em época de crise. Devido à proximidade, eles podiam ajudar mais rapidamente um amigo numa crise alimentar do que o próprio parente deste. Esta ajuda era bastante ampla, englobando diversas situações, entre as quais o autor destaca a comensalidade, o trabalho, o empréstimo de ferramentas e instrumentos agrícolas e ajuda nos tribunais. O terceiro nível diz respeito às relações clientelísticas. Elas são caracterizadas pelo grau particular e face a face que envolve dois indivíduos de *status* social e econômico diferentes. As relações patrono-cliente não se caracterizaram, segundo Gallant, como sendo de exploração ou vias de mão única, mas elas estabeleciam trocas desiguais em vias de mão dupla. Para o autor, as *phratíriai*, *thiásioi*, *orgeónes*, *hetairíai*, *génos* e *dêmos* seriam exemplos de associações que facilitariam e ajudariam a cristalizar estas trocas envolvendo homem/homem em detrimento daquelas envolvendo Estado/homem.

Tais são as questões colocadas por Gallant. O livro contém de forma pertinente tabelas e gráficos. Ele apresenta também uma vasta bibliografia multidisciplinar, dando ao leitor a oportunidade de tomar conhecimento das últimas novidades publicadas nas áreas de Antropologia, Arqueologia, Geografia e História aplicadas ao mundo antigo grego. Trata-se de uma obra séria, de leitura indispensável, para todos aqueles que se interessam por uma análise interdisciplinar rica em detalhes sobre a família camponesa antiga grega.

ANDRÉ LEONARDO CHEVITARESE
Departamento de História
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro

PALADAS DE ALEXANDRIA. *Epigramas*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. Edição bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 1992, 83 pags.

Deve ser celebrada a iniciativa da publicação, em volume de excelente qualidade gráfica, dos epigramas de Paladas de Alexandria, sem dúvida um autor de primeira importância, na condição de observador privilegiado e arguto do que poderíamos considerar os derradeiros tempos do helenismo antigo. De fato, tendo florescido na passagem do IV para o V século de nossa era, Paladas vem a ser, na prática, o último dos poetas pagãos. Demonstra ele zelo dessa condição, transmitindo ao mesmo tempo a amarga consciência da ruína de todo um mundo, já irrecuperável. Mais de uma centena de seus poemas foram conservados na *Antologia Palatina*, ficando a figura do poeta, contudo, como que sepultada, em virtude dos próprios critérios de organização da daquela antologia, os quais determinaram a dispersão de seu *corpus*. Mais uma razão, portanto, para celebrar-se a iniciativa de reconstituir-se a coesão de sua obra numa edição isolada, constituída pela seleção de 51 de

seus melhores poemas.

O volume é precedido de uma introdução, voltada para o leitor leigo, que, de modo simples mas rigoroso, repassa a situação histórica em que viveu o poeta, informa sobre as características gerais do epigrama enquanto gênero e narra o processo de formação da própria *Antologia Palatina*. Por fim, ensaia-se uma caracterização da obra de Paladas, preparando-se inteligentemente o leitor para a leitura dos poemas. Os diversos eixos que orientam sua poética são bem realçados e os poemas citados ou comentados por José Paulo Paes são escolhidos com felicidade.

Em geral, as traduções colaboraram para tornar agradável, para o leitor moderno, os poemas, cujo charme está justamente no pessimismo de uma visão de mundo que marca tanto as grandes questões quanto as mais diárias perplexidades de um homem de modestos recursos, que ganha a vida como professor de primeiras letras (γραμματικός). Não se esperem entretanto lamúrias. Paladas é desses espíritos que não perdem o controle mesmo quando se voltam para sua própria e difícil condição. O que o leitor encontra, então, são explosões de fina ironia, como quando o poeta retrata seu dia-a-dia de mestre-escola a debulhar para os alunos, que aprendem a ler, a saga da cólera de Aquiles na *Ilíada* de Homero:

“A cólera de Aquiles foi motivo, para mim também, de funesta pobreza ao me tornar gramático.” (IX:169)

Ou ainda, em delicioso ressentimento misógino:

“Nociva cólera a da mulher com quem eu me casei, eu que ensino, infeliz, o beabá da cólera.” (IX:168)

É pena que a tradução não consiga recuperar o jogo erudito presente em muitos dos textos, relacionado de propósito com a reiteradamente declarada profissão de γραμματικός. Assim, em IX:489, perde-se todo o contexto hesiódico da expressão “ἔτεκεν φιλότητι μιγείσῃ” (cf., v.g., *Teogonia*, 375), num dístico primoroso em ironia e, se quisermos, enxuta intertextualidade:

“A filha do gramático ajuntou-se e teve uma criança do gênero masculino, feminino e neutro.”

“Ajuntou-se”, de fato, traduz mal “φιλότητι μιγείσῃ” (*unida em amor*), tanto no que respeita ao sentido da expressão, quanto com relação ao tom elevado e religioso da dicção de Hesíodo. Certamente haveria melhores opções.

Não me esqueço, naturalmente, de que traduzir - e sobretudo traduzir poesia! - é tarefa árdua. No caso do epigrama, que tem tendência a ser telegraficamente conciso, o desafio cresce, ainda mais diante de um epigramista que vai direto ao essencial, como é Paladas. Deve-se assim admirar a destreza de José Paulo Paes em vários momentos, como em X:58:

“Vim nu à terra e nu irei para debaixo dela. Por que canseiras vãs se o fim é só nudez?”

Ao mesmo tempo, contudo, é preciso fazer reparos a várias tentativas, seja pelo resultado final do verso português, seja por traições ao sentido do verso grego. Em alguns casos, tem-se a impressão de que as inegáveis qualidades e os grandes recursos do tradutor foram perturbados por um conhecimento limitado do grego antigo. Cito a seguir alguns exemplos.

A solução para o fecho do já citado epigrama IX:168 não é das mais felizes:

“Toda cólera me tornou, ai de mim, um duplo fardo: profissão de gramático e mulher briguenta.”

Em que pese a possível opção estética de fugir da letra do original para chegar a um vernáculo mais leve e elegante, creio que a idéia expressa no primeiro verso ganha, na tradução, uma nebulosidade que não tem em grego (literalmente, o poeta diz: “Ai de mim, eu estou pleno de cólera, tendo um destino cheio de dupla bîlis: ...”). Com sua opção, perde ainda o tradutor toda a relação que se cria, no original, entre a cólera e a bîlis, de acordo com o que ensinava a medicina antiga.

Ainda que nesse caso o desvio seja desculpável, em nome de opções estilísticas justificáveis na língua de chegada, em outros

não pode ser, pois representa traições ao sentido do que diz o poema. Há pelo menos duas ocorrências desconcertantes.

A primeira, em IX:379 que, em grego, diz, sem preocupação de estilo): "*Diz-se em provérbio: 'Até um porco morderia um homem mau. . .'*", o que foi vertido: "*O provérbio: 'Até um porco morderia o homem bom. . .'*". Trata-se, evidentemente, de um lapso, pois o texto grego traz " ἄνθρωπος πονερόν" e, por outro lado, a mudança de 'mau' para 'bom' torna sem sentido a conclusão do poema.

O segundo exemplo é o dístico IX:394:

"Ouro, pai dos adutores, filho da aflição e do cuidado, não te possuir dá medo e possuir-te aflição."

Ora, no original, lê-se (continuo a verter palavra por palavra, mantendo as opções vocabulares do tradutor em pautas): "*e o possuir-te [dá] medo (φόβος); e não possuir-te, aflição (ὀδυνή)*". Como se vê, o contrário do que se traduziu, já que, segundo Paladas, possuir ouro produz sim medo (φόβος) e não aflição (ὀδυνή); não possuir riqueza produz aflição (ὀδυνή, que significa também sofrimento,

dor, etc.) e não medo (φόβος). Aliás, da forma como está vertido, o verso não tem sentido: por que alguém teria medo por não ser rico? O poeta, nesse caso, retoma claramente o *topos* dos males da riqueza, tendo portanto medo de que ela não traga felicidade. Já a pobreza, todos sabem, é irmã do sofrimento.

Não sejam essas falhas, contudo, desencorajamento para o contato com a poesia de Paladas, que sabe atingir o clímax da linguagem poética (na maioria dos casos preservado com arte por seu tradutor brasileiro). Terminando citando uma dessas pequenas obras primas, que resume bem o sentimento de fim de época peculiar a Paladas e tem um sabor autenticamente pós-antigo:

"Acaso estamos mortos e só aparentamos estar vivos, nós gregos, caídos em desgraça, que imaginamos a vida semelhante a um sonho, ou estamos vivos e foi a vida que morreu?" (X:82)

JACYNTHO LINS BRANDÃO
Departamento de Letras Clássicas
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais